

Comunidade e utopia n' *O Bairro* tavariano

Patrícia Infante da Câmara

Centro de Estudos Comparatistas (Universidade de Lisboa) / anapatriciainfante@gmail.com

Resumo:

Apresentando-se simultaneamente como *modelo* (estático) e *projecto* (em movimento), *O Bairro* de Gonçalo M. Tavares não exhibe, nem exactamente a rigidez das primeiras representações utópicas, nem propriamente a grandiosa projecção para o futuro característica das utopias concebidas a partir do século XVIII (a que chamaríamos *eu-cronias*). Trata-se de uma utopia mais prática ou pragmática, que funciona como *processo* e não *meta*, feita a uma micro-escala e que se foca, estando dependente o seu sucesso das interacções entre os seus agentes, em questões de alteridade, de relacionamento ético com o outro e de co-pertença comunitária. Justamente por isso o seu enquadramento sob a forma de um *bairro* faz sentido.

Palavras-Chave: comunidade; utopia; o bairro; Gonçalo M. Tavares.

– Em que país está a pensar?
– Ah, meu caro, meu caro. Não falemos em nomes, não falemos em nomes!
— Gonçalo M. Tavares

Happy is the country that has no geography.
— Saki

L'univers n'existe que sur le papier.
— Paul Valéry

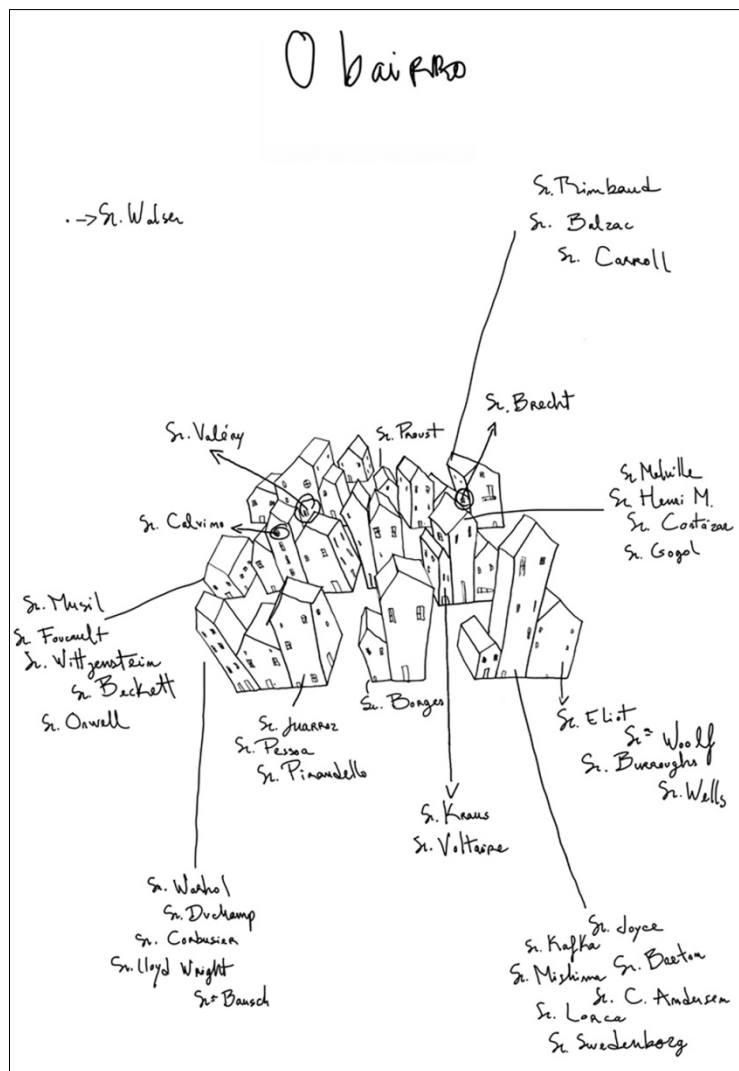


Figura 1. Rachel Caiano, *O bairro*, 2002-2010. Da contracapa de todos os volumes da série de Gonçalo M. Tavares.

Numa das várias definições que apresenta para o conceito de *espaço*,¹ Reis, no seu *Dicionário de Estudos Narrativos*, recorre a algumas ideias de Teresa Bridgeman, citando-a:²

“Tempo e espaço são (...) mais do que um pano de fundo da narrativa; são parte da sua composição, afectando o nosso entendimento básico do texto narrativo e os protocolos de diferentes géneros narrativos. Ambos influenciam profundamente o modo como construímos imagens mentais daquilo que lemos.” (...) Mais: “embora os mundos da narrativa pós-moderna possam tornar-se muito imprecisos quanto às suas fronteiras e, no geral, perder a lógica do tempo ou do espaço (mas raramente a dos dois ao mesmo tempo), insisto nisto: como leitores continuamos, mesmo assim, a exigir livros espaciotemporais, para podermos sustentar as nossas interpretações.” (Reis, 2018, p. 112)

Se é certo que conseguimos, em *O Senhor Kraus* (Tavares, 2005, p. 97) ou *O Senhor Calvino* (Tavares, 2005^a, p. 34), identificar com alguma segurança os marcos temporais que enquadram as histórias narradas nos vários volumes da série *O Bairro*³ de Gonçalo M. Tavares, estabelecendo-as assim no século XXI, o mesmo não poderá ser dito relativamente a uma percepção do espaço diegético onde essas histórias terão lugar.

O título da série, assim como a ilustração que acompanha todos os seus volumes (**Figura 1**), permitem, com efeito, que desde logo esboçemos uma moldura de enquadramento da acção, como que antecipando a captação do espaço físico onde a mesma se desenrolará. A própria escolha do título parece, aliás, sublinhar a relevância que na estrutura compositiva dos textos será assumida pelo elemento espacial. No entanto, se tentarmos responder a questões como ‘Como se chama este bairro?’ e ‘Onde fica?’, não seremos na verdade capazes de fazê-lo sem deixar margem para dúvida. Nesse sentido, apenas nos é dada conhecer, em *O Senhor Calvino*, a existência de uma “Rua Le Grand” (Tavares, 2005^a, p. 58), o que nem por isso nos permite associar este espaço narrativo ao espaço real da França, uma vez que nem só no seu território as ruas receberão nomes franceses.⁴ Se, como afirma Bridgeman, continu-

¹ As definições propostas por Carlos Reis, no âmbito da narrativa, abarcam, para além da noção de espaço físico, também as de espaço social, espaço cultural e espaço psicológico, de que, contudo, aqui não nos ocuparemos.

² Bridgeman, T. (2007). Time and space. In D. Herman (Org.), *The Cambridge Companion to Narrative*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 52-65.

³ Percebemos, em textos como *O Torcicologologista*, *Excelência*, a importância acrescida que, não raras vezes na obra tavariana, é atribuída ao *tempo* em detrimento do *espaço*: “– Mais assustador que não reconhecermos a paisagem à volta é, portanto, não reconhecermos os minutos e as horas que estão em redor... a paisagem temporal, digamos... / – Não sei em que século estou!, eis uma exclamação trágica.” (Tavares, 2015, pp. 33-34) Intuímo-lo, igualmente, desde logo atendendo à formulação de títulos como *Uma Menina Está Perdida no Seu Século à Procura do Pai* (2014, destaque a negrito meu).

⁴ Não pretendo, naturalmente, com isto sugerir que devamos ser capazes de fazer corresponder o espaço narrativo a um determinado espaço real de modo a conseguir ‘interpretá-lo’, nem neste caso nem em nenhum outro. Até porque, em última instância, nenhum espaço narrativo

amos como leitores a desejar (embora não dependendo absolutamente de) o reconhecimento de coordenadas temporais e espaciais, empíricas *ou* fictícias, para sustentar as nossas “interpretações”, como fazer sentido de um texto que no-las não fornece (no respeitante ao espaço, que é afinal aquilo de que neste artigo nos ocuparemos) sem sentir que nos escapa uma chave hermenêutica fundamental? Na verdade, será esta uma dificuldade transversalmente associável à leitura de grande parte dos textos taurianos, relativamente aos quais poderemos somente intuir geografias com base em indícios,⁵ se tivermos em conta o que sucede em séries como *O Reino* (2003-2007)⁶ ou em títulos como *Matteo Perdeu o Emprego* (2010^a),⁷ entre outros – onde, não obstante, se abrem problemas distintos daqueles que aqui me proponho desenvolver, razão pela qual opto, por agora, apenas por fazer-lhes referência.

Voltemos ao Bairro. Talvez possamos (e devamos) deslocar a tónica da questão, substituindo termos: procurando, em vez de identificar o *espaço*, per-

poderá reproduzir efectivamente qualquer espaço real (veja-se, de acordo com essa perspectiva, o conceito de ‘ponto zero da orientação’ proposto em Ingarden, 1973 [1926]). A simples menção a um espaço narrativo fictício seria, nesse sentido, já suficiente.

⁵ Lemos em *O Senhor Kraus*: “– Não era mau que o Chefe estudasse o mapa do país... / - Quero lá saber de geografia! – respondeu daquela vez o Chefe, incomodado. – Preciso é de preparar os discursos. *O fundamental é saber falar sobre os montes, quem quer saber onde estão os montes?*” (Tavares, 2005, p. 49, destaque meu)

⁶ Numa entrevista de 2008 ao blogue *Orgia Literária*, esclarece Tavares: **“Este Reino a que a tetralogia reporta, pelos nomes das personagens, tende a situar-se na Europa Central e de Leste. Por outro lado, a temática em si é universal. Podemos situar a acção em qualquer parte do mundo. Há intenção de a situar em algum local? Não, não há. Por isso mesmo é que nunca há referência a um espaço concreto. Os nomes das personagens surgiram naturalmente [e] são coisas muito pouco explicáveis. (...) Mas realmente como disseste, não quero situar em lado nenhum. Infelizmente, aquele ambiente dos dois primeiros romances de guerra e perversidade, é um ambiente que pode ser colocado em vários pontos do mundo. Já houve pessoas que me disseram que podiam situar isto na Europa Central, outros na Europa de Leste, outros na Jugoslávia, outros na América do Sul, outros em África. Portanto, bastava mudar os nomes e podia ser África. Ou seja, infelizmente, há coisas que se estão a repetir numa série de espaços e em tempos diferentes, o que é um bocado assustador.”** Cf. <https://orgialiteraria.wordpress.com/2008/01/30/podia-ser-perigoso-estar-constantemente-fechado-num-quarto-entrevista-a-goncalo-m-tavares/> (acesso em 23 set. 2019). Não obstante, parece consensual uma leitura da tetralogia que a relacione com a Segunda Guerra Mundial e, em particular, com o contexto germânico. Cf. e.g. SANTOS^a, 2016; OLIVEIRA, 2016; ou ME-NESES, 2012, entre outros.

⁷ Em *Matteo Perdeu o Emprego* encontramos, inclusive, uma “Tabela das Cidades” que reproduz a disposição de uma tabela periódica, baralhando os seus elementos e, portanto, neste caso baralhando geografias: “Pensar ainda numa tabela periódica que, em vez de distribuir elementos microscópicos, distribui cidades. Muitas ordens possíveis para essa tabela de cidades – n.º de habitantes, dimensão em metros quadrados, riqueza, número de guerras que ocorreram no seu espaço, etc. Os critérios são infinitos e, por isso, instalar-se-ia uma discussão interminável. Colocamos na tabela as cidades por ordem alfabética e a confusão desaparece – uma certa sensação de ordem instala-se.” (Tavares, 2010^a, p. 199) Trata-se, portanto, de uma ideia sobre o espaço do universo percebido enquanto *jogo*, que reencontraremos, e.g., em *O Torcicológologista, Excelência*: “– Eis, então, uma metodologia: baralhar mapas como se fossem cartas e entregá-los aos viajantes. / – Fazer um jogo.” (Tavares, 2015, p. 86)

ceber o *lugar* a que este bairro corresponde. Talvez que “esta questão po[ssa] parecer um preciosismo de analista, mas não é” (TAVARES, 2010: 52). Com efeito, *espaço* e *lugar* não serão conceitos equivalentes, embora muitas vezes os termos sejam utilizados de modo intercambiável ou, até mesmo, invertido (como faz De Certeau, 1984 [1980], pp. 117-118) em relação àquilo que hoje é comumente aceite no seio do debate académico sobre a questão, debate esse iniciado durante o século XIX⁸ (cf. e.g. Agnew, 2011). Em rigor, o espaço tem vindo a ser entendido, em sentido geográfico,⁹ enquanto extensão tridimensional na qual objectos se inserem. Trata-se de uma área definível do ponto de vista métrico (latitude, longitude e altitude) e que pode, por isso, ser descrita e pensada em termos de distância, de tamanho ou de direcção. É pela capacidade de localização geográfica específica de uma área que somos capazes de determinar *onde* ela fica e de, a partir daí, lhe atribuir um *nome*. Ora, a impossibilidade de fazê-lo com o bairro tauriano tem levado a que, por vezes, o mesmo seja entendido e designado como um *não-lugar*,¹⁰ no sentido conceptual que lhe é conferido por Marc Augé (1992).¹¹ Esta opção parece-me, todavia, duplamente desajustada, desde logo porque nela se misturam os conceitos de *espaço* e de *lugar* (a não identificação do primeiro levando a uma errada negação da existência do segundo) e, acima de tudo, porque se trata de um uso impreciso do conceito proposto pelo antropólogo francês: o não-lugar de Augé é a-identitário, a-histórico e a-relacional (Augé, 1995 [1992], pp. 77-78), um local de passagem e transição com funções concretas (como uma estação de comboios ou um centro comercial). O não-lugar não equivale, portanto, a um espaço não-identificado, mas a um tipo de local particular que, não sendo apenas espaço, não chega também a ser lugar. Dito de outra forma: o não-lugar não corresponde, pois, a nenhum-lugar.

De que falamos, então, quando falamos de *lugar*? Em que é que *lugar* difere de *espaço* e porque é que me parece mais ajustado pensar *O Bairro* enquanto lugar? Em 1945, Maurice Merleau-Ponty discutia no seu *Phénoménologie de la perception* (pp. 281-344) as diferenças entre “*espace géométrique*” e “*espace anthropologique*”, lançando as bases para aquilo que viria desde então

⁸ Refiro-me ao momento em que a Geografia passa a ser reconhecida enquanto disciplina e enquanto objecto de estudo académico aprofundado que se ocupa do estudo das questões de espaço e não ao início dos debates filosóficos sobre o espaço e a natureza, pois estes remontam aos Gregos. Vejam-se, e.g., *Timeu* (c. 360 a.C.) de Platão ou *Física* (s.d., IV a.C.) de Aristóteles.

⁹ Como é sabido, o conceito de *espaço* é estudado em várias outras áreas, como a Filosofia (metafísica), a Física (relatividade), a Astronomia (cosmologia) ou ainda no âmbito das Ciências Sociais (Estudos Urbanos ou pós-colonialismo, entre outros). Todavia, atendo-me por enquanto a uma abordagem do conceito por via da Geografia.

¹⁰ Cf. e.g. Cardoso, 2013 ou Araújo, 2005.

¹¹ Ou até mesmo como uma heterotopia foucaultiana, como em Custódio, 2017.

a ser comumente entendido como espaço e lugar, respectivamente. O espaço viria, pois, a ser entendido do ponto de vista dimensional, ao passo que o lugar deveria ser entendido fenomenologicamente. O espaço poderia tornar-se um lugar quando habitado e quando nele se desenvolvessem relações e interações, práticas culturais, valores e memórias conducentes à formação de estruturas sociais. Quando, para além de *percebido* (não só visto), o espaço passasse a ser *vivido*, tornar-se-ia, portanto, um lugar.¹² É também disto que fala De Certeau, no seu já referido *L'invention du quotidien* (1980), quando, ainda que invertendo as noções de espaço e de lugar que aqui argumento (atribui ao espaço as características que aqui associo ao lugar e vice-versa), defende que a cidade é o resultado das práticas dos seus habitantes: é pela forma como estes utilizam o espaço do quotidiano (um certo tipo de performance, que passa por gestos e por diálogos que se inscrevem numa rede de sinais sociais) que ele é transformado em 'lugar praticado'. Ora, atendendo aos modos como os habitantes d'O *Bairro* tavariano diariamente o percorrem e nele interagem, assim como às práticas culturais que desenvolvem e a certos valores que entre si partilham, parece-me evidente não ser hermeneuticamente significativa a sua classificação enquanto não-lugar e, por conseguinte, tornar-se necessário reflectir sobre que tipo de *lugar*, justamente, será este aqui criado.

O *Senhor Calvino* (2005^a) será talvez um dos habitantes que melhor nos vai dando a conhecer algumas características deste bairro, o que aliás parece reflectir-se no subtítulo escolhido para o volume que lhe é dedicado – *e o Passeio*. “Aos sábados de manhã, o senhor Calvino percorria o bairro de uma ponta à outra, levando apenas na sua mão direita uma vara metálica” (p. 27) que procurava equilibrar paralela ao solo, vagueando sem meta nem mapa: “Calvino sabia que se as pessoas fossem directamente, sem qualquer desvio, para o seu destino, nunca teriam oportunidade de ver e conhecer cantinhos que só os homens muito perdidos descobrem” (p. 60).¹³ Percebemos, graças a estas suas incursões zigzagueantes, que o bairro não será pequeno, já que uma par-

¹² “In the simplest sense place refers to either a location somewhere or to the occupation of that location. The first sense is of having an address and the second is about living at that address. Sometimes this distinction is pushed further to separate the physical place from the phenomenal space in which the place is located. Thus place becomes a particular or lived space. Location then refers to the fact that places must be located somewhere. Place is specific and location (or space) is general.” (Agnew, 2011, p. 318)

¹³ Certamente não por acaso, vários capítulos do romance *Le Città Invisibili* (*As Cidades Invisíveis*, 1972), de Italo Calvino, são, justamente, intitulados “as cidades ocultas”. Sobre a ideia de errância, encontramos ainda o poema seguinte, em 1 (Tavares, 2004^a, p. 161): “Por que optei por escrever? Não sei. Ou talvez saiba: / Entre a possibilidade de acertar muito, existente / Na matemática, e a possibilidade de errar muito, / Que existe na escrita (errar de *errância*, de caminhar / Mais ou menos sem meta) optei instintivamente / Pela segunda. Escrevo porque perdi o mapa.”

te dos percursos é feita “nos transportes públicos, em horas de grande concentração de pessoas” (p. 14). Ficamos também a conhecer o “museu da cidade”, que o senhor Calvino visita frequentemente e onde se expõem trabalhos de vários “artistas de séculos passados” (p. 61), desde logo sublinhando a existência deste bairro enquanto *lugar de memória* (o que significa que no espaço se cristaliza, afinal, o tempo). Passeando sempre sozinho e absorto nas suas ‘missões’ (ora transporta varas, ora balões, ora colheres ou até mesmo cães), o senhor Calvino não prescinde, todavia, de um “alto e convincente Bom dia! distribuído a cada uma das pessoas com quem se cruz[a] no bairro” (p. 13), assim contribuindo para a sua afirmação enquanto lugar de diálogo e interação, onde a aparente ausência de uma determinação hierárquica prevê que todas as relações de poder sejam horizontais.

Assim o senhor Calvino e também *O Senhor Valéry* (2002), que “desde que nascera que vivia por ali, mas só conhecia 5 ruas” (p. 77)¹⁴ pelas quais “andava sempre a pé [,] muito rápido, com passinhos pequeninos” (p. 37) e onde todos o conheciam,¹⁵ o que se torna evidente nas preocupações obsessivas que demonstra relativamente à opinião que os outros moradores possam ter a seu respeito. Preocupações essas que o levam, não raro, a tomar decisões inusitadas (cf. e.g. “O chapéu”, pp. 13-14 ou “O truque”, pp. 55-56) e que contribuem para que o vejamos como um dos habitantes mais extravagantes deste bairro. É com ele que descobrimos a existência de um tribunal (p. 51), que confirmamos a larga extensão territorial do bairro e que percebemos o seu carácter sobretudo urbano¹⁶ (“um dia o senhor Valéry precisou de se deslocar a um ponto afastado da cidade. / A pé demoraria dez horas. De comboio apenas vinte minutos.”, p. 37), e que podemos ainda percepcioná-lo enquanto espaço de trocas e comércio, já que é sua profissão vender e comprar coisas (p. 41). Ain-

¹⁴ Lemos em *Atlas do Corpo e da Imaginação* (2013, p. 122): “**cidade, movimento e imobilidade** / Debord citava o estudo de um sociólogo que mostrava ‘a estreiteza da Paris real em que vive cada cidadão’. Esse estudo analisava ‘todos os movimentos efectuados por uma estudante no decurso de um ano’, mostrando que ‘os percursos desenham, sem grandes desvios, um triângulo de reduzidas dimensões, cujos vértices são a Faculdade de Ciências Políticas, a casa da rapariga e a do seu professor de piano’. / O que nos pode interessar aqui é a possibilidade de reduzir uma existência humana aos movimentos do corpo, mais propriamente às suas deslocações no espaço. Pelo percurso, pelos caminhos, temos a revelação da existência: como se a direcção dos passos revelasse uma *musculatura existencial*, uma musculatura associada a hábitos, uma *musculatura de hábitos*.”

¹⁵ Tal como *O Senhor Breton*: “O senhor Breton conhecia praticamente todos os seus vizinhos. Sabia pormenores, coisas íntimas até.” (2008, p. 41)

¹⁶ Evidente, também, na presença regular de *graffiti*, normalmente atribuídos ao senhor Borges (cf. 2008, p. 32 ou 2010, p. 5), um ‘senhor’ que, apesar de mencionado com regularidade, não chegou a receber volume próprio. Valerá a pena sublinhar que, por definição, um bairro não tem necessariamente de ser urbano, podendo igualmente ser suburbano ou até mesmo rural.

Cf. e.g. <https://www.encyclopedia.com/medicine/divisions-diagnostics-and-procedures/medicine/neighborhoods#D> (acesso em 22 set. 2019).

da assim, serão possivelmente os senhores Brecht e Eliot os principais responsáveis pelos *encontros* que se dão neste bairro, como o seguinte excerto, retirado de *O Senhor Swedenborg* (2009, p. 9), deixa transparecer:

O senhor Swedenborg acabara de sair da sala onde o senhor Brecht costumava contar as suas histórias (tempo que o senhor Swedenborg aproveitava para as suas investigações sobre astronomia), e dirigia-se agora, a passo rápido para não chegar atrasado, a mais uma conferência do senhor Eliot. Conferências essas em que o senhor Swedenborg aproveitava para se concentrar mentalmente nas suas investigações geométricas. Cruzou-se nessa altura com o senhor Calvino que levava uma barra de ferro paralela ao solo. O esforço que o senhor Calvino fazia para que a barra se mantivesse paralela ao solo era evidente, mas a elegância no modo de andar, nos gestos e na fala nunca era abandonada.

O senhor Calvino cumprimentou o senhor Swedenborg, mas este ia a pensar noutra coisa.

O senhor Swedenborg não faltava a uma única palestra do senhor Eliot. Os espectadores, de resto, não eram muitos. Os habituais senhor Borges, senhor Breton, senhor Balzac e o senhor Swedenborg. E ainda, por vezes, e de fugida, o senhor Warhol. E poucos mais.

Neste excerto ficam claros, não só uma ideia de comunicabilidade entre os vários volumes da série, como também o facto de que, se as histórias do senhor Brecht são as que agregam maior número de habitantes, as conferências do senhor Eliot, embora atraindo menos membros do público, serão contudo as que reúnem maior número de 'senhores' tavianos.¹⁷

Ambos, pois, vão de certa forma dando corpo à figura do *contador de histórias* de que fala Walter Benjamin (1969 [1936]), e, desta forma, instituindo-se diferentemente (um de modo mais geral, o outro mais específico) como os principais responsáveis pela criação e manutenção de um certo *sentido de comunidade*,¹⁸ que decorre, não apenas de uma efectiva proximidade e partilha territoriais, mas também de uma dimensão relacional que nesse território partilhado se instala e desenvolve. Não estaremos, portanto, simplesmente face a uma *comunidade de circunstância*, mas de facto perante um lugar onde existe uma certa coesão social e uma percepção colectiva de valores e de interesses que, não sendo sempre ou exactamente coincidentes, se interrelacionam e respeitam mutuamente. Existe pois uma percepção de afinidades e um desejo de *pertença* a uma certa unidade ou estrutura social, que se evidenciam pela manutenção de actividades comunitárias e de práticas de interacção regulares.

¹⁷ Quer tenham recebido volume homónimo ou não. Há vários 'senhores' (e uma 'senhora', a única no bairro a par da coreógrafa alemã Pina Bausch) nomeados cujos volumes não chegaram a surgir, como por exemplo Bettini, Manganelli, Duchamp, Warhol, Balzac, Woolf, Chesterton ou Corbusier.

¹⁸ Um conceito estudado, entre outras, nas áreas da psicologia comunitária e da sociologia urbana.

Cf. e.g. <https://www.encyclopedia.com/philosophy-and-religion/bible/bible-general/community> (acesso em 24 set. 2019).

Mais: segundo Tavares (e também de acordo com o que consta das badanas das novas edições da série publicadas pela Relógio D'Água),¹⁹ entre todos os membros deste bairro existirá, na verdade, não apenas uma certa familiaridade²⁰ como também algum sentido de missão comum: o de *resistência à invasão da barbárie*.²¹

Esta ideia de *resistência* pressupõe uma dimensão de acção colectiva, que só é possível (ou pelo menos provável) se decorrendo de um sentido de comunidade como aquele que acabo de referir. Desse sentido de comunidade, por sua vez, resultam, por um lado, um sentimento de segurança e bem-estar, e, por outro, uma percepção de que as crenças, as normas e os valores partilhados pelo colectivo serão, de algum modo, melhores do que aqueles que predominam no seu exterior, razão pela qual há que protegê-los de uma *invasão* que, porque vinda de fora, será sempre de alguma forma *bárbara* (se recordarmos o modo como os Gregos se referiam aos estrangeiros, àqueles que não falavam o seu idioma, como bárbaros), quando não percebida como incivilizada ou até mesmo destruidora.²² Está em causa, portanto, a preservação da *ética* de um lugar tido e construído como uma alternativa àquilo que existe fora dele, um outro *mundo possível*²³ ou, como proporei, na verdade uma *utopia* – por contraditória que possa parecer esta escolha na sequência da menção a um “mundo possível”, considerando que muitas vezes a utopia é pensada, justamente, como um “mundo impossível” que, contudo, veremos não o ser.

Referi-me anteriormente ao conceito e à ideia de um *não-lugar*, e é precisamente desse modo (ainda que com implicações distintas daquelas que lhe são atribuídas por Augé) que muitas vezes é entendida uma utopia, porque resultando, etimologicamente, da junção dos termos gregos *ou* (que significa *não*) e *topos* (lugar), a que se pospôs o sufixo *ia*, utilizado na formação de to-

¹⁹ “Como a aldeia de Astérix, o bairro é um espaço de resistência – um lugar de criatividade e de imaginação.”, lê-se numa das badanas da nova edição (2018) de *O Senhor Brecht e o Sussosso*.

²⁰ Na já mencionada entrevista de 2008 ao blogue *Orgia Literária*, Tavares refere-se a dada altura aos volumes de *O Bairro* como “livros brancos”, criadores de “um mundo onde nos sentimos protegidos”.

²¹ Veja-se a entrevista concedida pelo autor à revista *BOMB*: “I may view The Neighborhood as (...) a neighborhood of writers and artists who try to oppose barbarity and stupidity.” (<https://bombmagazine.org/articles/gon%C3%A7alo-m-tavares/>; acesso em 25 set. 2019).

²² Para uma descrição evolutiva do conceito de *bárbaro*, onde são igualmente contempladas leituras positivas do termo (por vezes até mesmo idílicas, como no caso de Rousseau), que, não obstante, aqui me parecem desadequadas já que se aponta a necessidade de uma *resistência*, cf. Winkler et al, 2018.

²³ Num subcapítulo intitulado “Níveis e categorias da narrativa”, Carlos Reis define o conceito de *mundo possível* nos termos seguintes: “Provindo do domínio da semântica formal, a noção de mundo possível refere-se, no âmbito da teoria da narrativa, ao mundo narrativo construído pelo texto, universo de referência em que se encontram não só as personagens, os seus atributos e esferas de acção, mas também os chamados **mundos epistémicos** (ideologias, atitudes ético-morais, opções axiológicas, etc.)” (1999, p. 372).

pónimos como Austrália, Itália, Albânia, Colômbia e tantos outros. Ora, entender a utopia simplesmente como um não-lugar, impossível e inexistente, significa ignorar (ou desconsiderar) à partida duas coisas: primeiramente, a contradição lógica que desde logo subjaz ao processo de formação da palavra, que acumula um prefixo de negação e um sufixo que designa uma localização concreta, simultaneamente recusando e afirmando a sua existência e que, já por isso, merece reflexão; em segundo lugar, a ambiguidade semântica de que a 'utopia' se reveste no momento da sua criação e que até hoje perdura.

Se não, vejamos: trata-se de um neologismo criado por Thomas More em 1516 para dar nome à ilha que descreve na sua obra homónima, *Utopia*. A Utopia corresponderia a um lugar remoto e até então desconhecido, onde vigoriaria uma sociedade regida por princípios ideais de convivência humana e apresentada como alternativa relativamente àquela que então predominava na Europa. More inventa o termo inspirando-se nas cartas de navegadores e exploradores da época (como Vespucci, Colombo ou os navegadores portugueses cuja presença se reflecte no protagonista, Rafael Hitlodeu) que, descobrindo mundos, descobriam o Outro. É justamente esta consciência crescente da alteridade que impulsiona a imaginação de novos lugares e de novas formas de organização social, e assim também a criação de novas formas de nomeá-los. Ora, se para o título da sua obra e para o nome que atribui a esta ilha remota More escolhe o termo utopia, a verdade é que, num breve poema apenso preliminarmente aos dois Livros de *Utopia* e atribuído a Anemólio, More substitui o prefixo *u* por *eu*, assim gerando duas unidades de sentido distintas, embora sobreponíveis:

A Six-line Stanza on the Island of Utopia by Anemolius,
Poet Laureate and Nephew to Hythloday by his Sister

Remote, in distant times I was 'No-place',
But now I claim to rival Plato's state,
Perhaps outshine it: he portrayed with words
What I uniquely demonstrate with men,
Resources, and the very best of laws.
So 'Happy-place' I rightly should be called.²⁴

Vtopia priscis dicta ob infrequentiam,
Nunc ciuitatis aemula Platonicae,
Fortasse uictrix, (nam quod ilia literis
Deliniauit, hoc ego una praestiti,
Viris et opibus, optimisque legibus)
Eutopia merito sum uocanda nomine.²⁵

²⁴ In More, 2012 [1516], p. 9.

²⁵ In More, 1895 [1516], p. xciii, destaques meus.

Nesta sextilha, More torna evidente a filiação doutrinária e a ressonância intertextual da sua obra relativamente à *República* de Platão, que inclusive julgava conseguir ultrapassar porque materializando aquilo que nela apenas se ensaiava. Ao mesmo tempo, concebe um segundo neologismo, derivado do primeiro, dando assim origem à tensão semântica que daí em diante marcará o conceito de utopia, um lugar portanto simultaneamente inexistente (utopia) e feliz (eutopia). Esta dualidade significativa, consubstanciada no próprio texto, tal como a contradição lógico-formal que assiste à formação do termo escolhido para dar título ao texto, sugere que More nunca terá verdadeiramente desejado que a sua utopia fosse vista como simples fantasia,²⁶ mas antes como *possibilidade*. Possibilidade imaginária e também retórica, pois é essencialmente como *lugar literário* que a utopia se estabelece,²⁷ com motivos e qualidades próprios que são passíveis de se reconhecer em textos como estes que constituem *O Bairro* taviariano, razão pela qual escolho pensá-lo enquanto lugar utópico.

Por um lado, e se voltarmos ao mapa do bairro com que abri este artigo, percebemos, observando-o, que se trata de um lugar relativamente isolado, sem nada à sua volta (apenas a floresta onde vive *O Senhor Walser*, ainda mais isolado), no qual os habitantes só interagem entre si e de onde raramente saem, embora possam fazê-lo. Sabemos já também que é impossível determinar a sua localização geográfica e que, percebendo a sua circunscrição temporal ao século XXI, nada conhecemos, contudo, do seu passado. Em suma, verificamos que se trata de um lugar *apartado* de tudo o resto, *desconhecido*, aparentemente *a-histórico* (porque cristalizado no presente), socialmente *estruturado* (onde os vários habitantes desempenham diferentes funções, *vide* exemplos *supra*) e onde, para além de *felizes e protegidos* (como que vivendo num 'mundo branco', *vide* nota 20), os seus habitantes se sentem além disso res-

²⁶ Uma convicção, aliás, que Fátima Vieira esclarece e corrobora no seu completíssimo artigo "The concept of utopia": "It is interesting to note that before coining the word utopia, More used another one to name his imaginary island: Nusquama. Nusquam is the Latin word for 'nowhere', 'in no place', 'on no occasion', and so if More had published his book with that title, and if he had called his imagined island Nusquama, he would simply be denying the possibility of the existence of such a place. But More wanted to convey a new idea, a new feeling that would give voice to the new currents of thought that were then arising in Europe." (2010, p. 4)

²⁷ Resultando, inclusivamente, no advento de um género literário com uma estrutura específica (que incorpora uma viagem a um lugar desconhecido, seguida por uma visita guiada pelo mesmo dando conta das suas formas de organização, e normalmente concluída por uma viagem de regresso ao local de partida para que o viajante possa partilhar a sua descoberta de novos e melhores sistemas sociais), sobre cujas especificidades opto todavia por não me focar neste artigo, por duas razões: porque esta materialização da utopia enquanto género literário autónomo (tão autónomo quanto um género textual possa sê-lo) é apenas uma das várias manifestações possíveis do pensamento utópico; e porque, justamente, não correspondendo a esse modelo narrativo, a série *O Bairro* não deixa contudo de expressar, a meu ver, um ponto de vista utópico, como espero ser capaz de argumentar.

ponsáveis pela *preservação* de uma organização social em princípio julgada *superior*, já que digna dessa preservação (recordo a ideia de uma resistência à invasão da barbárie). Eis, pois, reunidas a maioria das características que formam a constituição de um certo tipo de utopia entendida como *estática*, espécie de imagem invertida de uma sociedade empírica tomada como exemplo e da qual foram eliminados os problemas detectados, representando pois um *ideal* que, porque alcançado, se escusa a fazer planos para o futuro.

Por outro lado, e se é verdade que não dispomos de informações sobre o *passado* deste bairro nem de previsões quanto a um rumo a tomar para o seu *futuro*, atentando nas identidades tomadas e nas acções empreendidas pelos seus habitantes poderemos, na verdade, encontrar marcas de uma determinada tradição,²⁸ assim como pistas para o estabelecimento de uma sociedade por vir, que desafiam a estaticidade desta utopia. Desde logo, porque tomando emprestados os nomes de dez autores modernos historicamente atestados, os habitantes deste bairro mobilizam (e transformam) uma certa *tradição literária*, assim inviabilizando um entendimento a-histórico deste lugar. Ao mesmo tempo, percebemos que várias das ideias expressas e das histórias narradas por alguns destes Senhores derivam da memória de vivências que, sendo passadas, agora se criticam na *esperança* de que não venham a ser replicadas no futuro (como acontece, com particular ênfase, no caso de *O Senhor Brecht*). E não por acaso escolho este termo, já que é com base num *princípio de esperança* que a utopia é entendida por filósofos como Ernst Bloch (1885-1977):²⁹ justamente, será o reconhecimento de um presente ou de um passado, cujos desequilíbrios não se querem repetir, o motor para a imaginação de um futuro desejavelmente melhor, ou pelo menos alternativo. Trata-se então de uma percepção do mundo como sistema aberto, onde nada é estático e onde tudo estará sempre *em vias de refazer-se*:

²⁸ Para além do museu da cidade, ao qual já nos referimos enquanto lugar de memória.

²⁹ Cf. *The Spirit of Utopia (Geist der Utopie, 1918)*, mas sobretudo *The Principle of Hope (Das Prinzip Hoffnung, 1959)*.

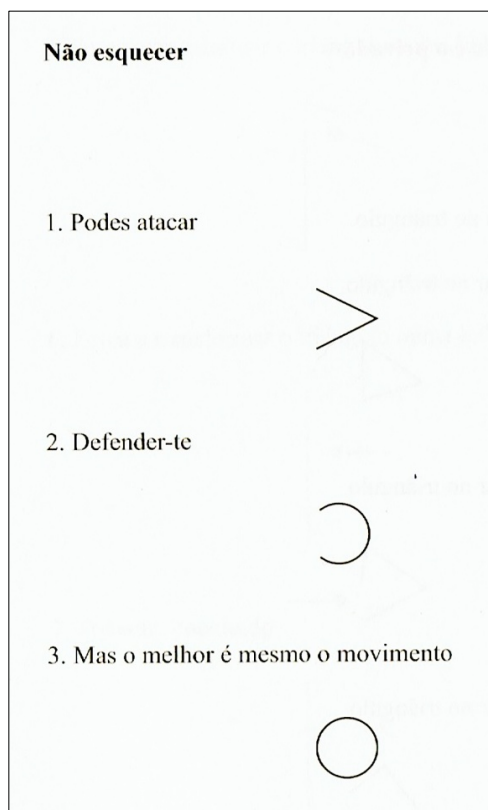


Figura 2. Gonçalo M. Tavares, *O Senhor Swedenborg e as Investigações Geométricas*, 2009, página 111.

Nesse sentido, e se regressarmos uma última vez ao mapa deste bairro, constataremos ainda que, se o facto de não existir nada à sua volta contribui, por um lado, para o seu isolamento, a verdade é que também por isso não existem verdadeiramente fronteiras que o impeçam de comunicar variadamente com o seu exterior. Lugar, pois, simultaneamente *circunscrito e aberto* à entrada e à saída de habitantes³⁰ e, por isso, à circulação de novas ideias e valores capazes de, culturalmente, governar as práticas e reescrever as memórias desta sociedade, que assim ganha liberdade para continuamente se reconstruir. Trata-se pois de um lugar que, mesmo não traçando explicitamente planos para o futuro, se mostra receptivo a eventuais alterações por ele trazidas e por isso se torna dinâmico, histórico, fortemente relacional e assim promotor da ideia de que os seus habitantes terão nele um papel a cumprir.

³⁰ Uma possibilidade, aliás, prevista pelo autor: “O aparecimento de cada um dos Senhores no bairro não tem um programa prévio. Embora imaginário, é um bairro, portanto há pessoas que se podem mudar subitamente para lá, e há outras que podem sair. E não há um Senhorio que ditatorialmente comande tudo isto.” Cf. <https://www.portaldaliteratura.com/entrevistas.php?id=8> (acesso em 20 set. 2019).

Apresentando-se em simultâneo como *modelo* (estático) e *projecto* (em movimento), o bairro tavariano, não exibindo nem exactamente a rigidez das primeiras representações utópicas, nem propriamente a grandiosa projecção para o futuro característica das utopias concebidas a partir do século XVIII³¹ (a que chamaríamos *eucronias*),³² corresponderá portanto a um certo tipo de utopia mais prática ou pragmática, solução de compromisso entre os dois extremos. Por paradoxais que possam parecer as expressões *utopia prática* ou *utopia pragmática*,³³ é utilizando-as que, hoje, vários críticos se referem às possibilidades contemporâneas do pensamento utópico³⁴ que, não se tendo tornado inviável (embora muitos tenham anunciado a sua morte, particularmente após a Segunda Guerra Mundial), assume contudo novos contornos. Trata-se de uma concepção utópica a curto prazo que, em vez de projectar um programa revolucionário com grandes objectivos a atingir, propõe linhas orientadoras a seguir e sugere pequenas mudanças quotidianas a adoptar com vista a um contínuo melhoramento social. Falamos, pois, de uma utopia como *processo* e não *meta* (pelo menos não especificada, mas que naturalmente corresponderá sempre ao desejo por um mundo melhor), que se faz a uma micro-escala e que se foca, porque dependendo o seu sucesso das interacções entre os seus agentes, em questões de alteridade, de relacionamento ético com o outro e de co-pertença comunitária.³⁵ Justamente por isso o seu enquadramento sob a forma de um *bairro* faz sentido.

Optar pela criação de um bairro, unidade mínima de urbanização cujo desaparecimento gradual se vem prenunciando porque considerado em descom-

³¹ Para uma descrição evolutiva e detalhada do conceito de utopia e suas representações literárias, desde o século XVI até aos dias de hoje (que inclui o Sebastianismo e o Messianismo como casos paradigmáticos de utopias em Portugal), cf. Bethencourt, 2015. No particularmente respeitante ao caso português, Fernando Arenas aponta ainda, num capítulo intitulado "Worlds in Transition and Utopias of Otherness" (2003, pp. 87-125), o 25 de Abril e a entrada para a União Europeia em 1986 como dois outros grandes modelos utópicos a nível nacional.

³² Volto a remeter para Vieira, 2010, pp. 3-27 (em particular, pp. 9-15).

³³ Pelo contrário, outros autores, como Newton Bignotto, diriam por sua vez que "uma utopia no poder é [que é] uma contradição em termos" (1993, p. 72).

³⁴ Cf. e.g. Marien, 2002 ou Robert Albritton, "A Practical Utopia for the Twenty-First Century" in Vieira e Marder, 2012, pp. 141-156.

³⁵ Boaventura de Sousa Santos, alegando a exaustão do paradigma da modernidade e defendendo a pertinência de se continuar a imaginar utopias enquanto "new modes of human possibility and styles of will" (p. 479), advoga justamente a necessidade de criação de *um novo senso comum* que passa pela valorização de um *princípio comunitário*, valorizador das ideias de solidariedade, participação, diálogo transcultural e emancipação social (Santos, 1995, p. 1-55). Por modernidade, entende o autor a emergência, desde o século XVII, de um paradigma socio-cultural baseado no equilíbrio entre princípios de regulação social (o Estado, o mercado e a comunidade) e princípios de emancipação (a estética das artes, a instrumentalidade das ciências e a moral da ética e da lei). À sobreposição que, desde o século XIX, se verifica dos primeiros (regulação social) sobre os segundos (emancipação), atribui Boaventura de Sousa Santos a exaustão do paradigma.

passo com a velocidade da sociedade contemporânea,³⁶ corresponde, assim, a um certo gesto de resistência e a uma vontade de garantir a sobrevivência de um lugar onde se estabelecem relações sociais específicas,³⁷ definíveis sobretudo em termos de proximidade, de encontro e de vizinhança.³⁸ Num verbete do seu “Dicionário Ilustrado”, coluna de opinião que Gonçalo M. Tavares assinou entre 2013 e 2015 no Magazine do *Jornal de Notícias*, diz-nos o autor, justamente, a propósito de um desses conceitos:

Vizinhança

A vizinhança pode ser definida e sintetizada desta forma. Dois homens falam entre si, de janela para janela.

É evidente, portanto, que a vizinhança é, em primeiro lugar, uma forma de dois corpos não estarem juntos. Isso mesmo: de não estarem juntos. Só há vizinhança com afastamento, e não o contrário, como se pensa.

Duas pessoas que vivem juntas não são vizinhas; duas pessoas que dormem na mesma cama não são vizinhas. (...)

A vizinhança é, por isso, definida (resumida) arquitectonicamente por duas janelas. Se dois corpos estão em duas janelas distintas então esses dois corpos são vizinhos um do outro. (Tavares, 2014^a)

Trata-se aqui de uma ideia de vizinhança entendida enquanto movimento concomitante de aproximação e distanciamento entre vozes que, dialogando, nem por isso se homogeneízam. De uma possibilidade de encontro que salva-guarda a diferença e o atrito, mesmo no contexto de um lugar utópico, como defendo que possa ser este, cuja disposição estrutural pressupõe a implantação e o acompanhamento de novos e *partilhados* valores.³⁹ Reconhecendo que aproximar não equivale a uniformizar,⁴⁰ importa ainda assim perceber o estabelecimento de uma relação dialógica entre estes vizinhos tavianos como fundação ontológica e fonte de esperança privilegiada no sentido da concretização

³⁶ Cf. e.g. Bezerra, 2011.

³⁷ Cf. e.g. Gonçalves, 1988.

³⁸ Na semana seguinte à publicação do verbete “Vizinhança”, Gonçalo M. Tavares assina outro intitulado “Máquina de criar vizinhanças”. Assim poderia ser definido *O Bairro*, e de facto assim o faz Maria Elisa Rodrigues Moreira no seu artigo “*O Bairro* de Gonçalo M. Tavares: máquina de criar vizinhanças”: cf. Tavares, 2014^b e Moreira, 2014.

³⁹ Num ensaio intitulado “Untimeliness, Recognition and Respect in the Work of Gonçalo Tavares.”, no qual a autora se debruça particularmente sobre o romance *Uma menina está perdida no seu século à procura do pai*, comenta Helena Carvalhão Buescu a respeito da heterogeneidade que, justamente, caracterizando os seus elementos constitutivos, caracteriza o próprio conceito de comunidade: “The divergences of all the characters, in relation to a putative character model or even to each other, in the universe of the novel, cannot be neutralized, and it is on them, furthermore, that the existence of something resembling a community depends. This description enables us to underline a decisive aspect: if all the characters are, effectively, different from each other, in reality it is these differences that constitute the specific link that gregariously makes them an example of community.” (2017, p. 36).

⁴⁰ Todos os moradores deste bairro apresentam traços distintivos entre si e juntá-los no mesmo lugar não equivale, pois, a uma tentativa de indiferenciá-los.

deste bairro enquanto lugar utópico. Dependerá o seu devir colectivo de um sentido de responsabilidade ética para com o Outro, ou, para utilizar a expressão de Fernando Arenas, da afirmação deste lugar sobretudo enquanto *utopia da alteridade* (2003, p. 105).

Chegaremos ao final deste artigo sem conseguir responder às perguntas iniciais 'Como se chama este bairro?' e 'Onde fica?'. Continuando sem conseguir nomear o *espaço*, talvez sejamos agora capazes, contudo, de melhor compreender o *lugar*.

Geografia

A localização geográfica é um erro literário. Cada personagem age ou fica quieta, e basta. Nomes de cidades, nomes de países, de bairros, de casas, de pessoas, todos os nomes localizados são desnecessários. O texto literário não está perdido, mas também não está localizado.

Onde se encontra esta frase? Em que sítio está esta frase?

Onde? não é uma pergunta para a literatura responder.

O que fazer enquanto estamos vivos? é uma pergunta para a literatura perguntar.

Personagens com países e acontecimentos geograficamente fixos são personagens e acontecimentos pesados.

O que é leve transporta-se connosco, o pesado abandona-se no local (ninguém o leva).

Ou uma acção sucede em múltiplas geografias, ou uma acção sucede num sítio que não tem nome de mapa: a literatura.

Onde aconteceu isso?

Isso aconteceu na literatura.

A única geografia da literatura é a frase. (Tavares, 2018, p. 39)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Agnew, J. A. (2011). Space and Place. In J. A. Agnew e D. N. Livingstone (Eds.), *The SAGE Handbook of Geographical Knowledge*. London: SAGE, pp. 316-330.

Araújo, L. (2005). Escritor português vem ao Brasil com bairro fictício. *Folha de S. Paulo*. Retirado de <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1604200513.htm>. Acesso em 16 set. 2019.

Arenas, F. (2003). *Utopias of Otherness: Nationhood and Subjectivity in Portugal and Brazil*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Augé, M. (1995 [1992]). *Non-Places. Introduction to an Anthropology of Supermodernity*. Trad. John Howe. London/New York: Verso.

Benjamin, W. (1969 [1936]). The Storyteller: Reflections on the Works of Nikolai Leskov. In H. Arendt (Ed.), *Illuminations*. Trad. Harry Zohn. New York: Schocken Books, pp. 83-109.

Bethencourt, F. (2015). The Power of Utopia. In F. Bethencourt (Ed.), *Utopia in Portugal, Brazil and Lusophone African Countries*. Bern: Peter Lang, pp. 1-23.

Bezerra, J. A. (2011). Como definir o bairro? Uma breve revisão. *Geotemas* 1(1), pp. 21-31.

- Bignotto, N. (1993). Sentidos da Utopia. In A. Andrés (Org.), *Utopias: sentidos, minas, margens*. Belo Horizonte: UFMG, pp. 61-107.
- Buescu, H. C. (2017). Untimeliness, Recognition and Respect in the Work of Gonçalo Tavares. In J. L. Jobim (Ed.), *Literary and Cultural Circulation*. Oxford: Peter Lang, pp. 23-41.
- Cardoso, F. (2013). *Pós-modernismo e ironia na coleção: "O Bairro" de Gonçalo M. Tavares* (Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Maringá). Retirado de <http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/fcardoso.pdf>. Acesso em 18 set. 2019.
- Community. *Encyclopedia.com*. Retirado de <https://www.encyclopedia.com/philosophy-and-religion/bible/bible-general/community>. Acesso em 24 set. 2019.
- Custódio, R. J. (2017). *Gonçalo M. Tavares e O Bairro: das heterotopias às vicissitudes do absurdo* (Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual de Ponta Grossa). Retirado de <https://tede2.uepg.br/jspui/handle/prefix/1491>. Acesso em 19 set. 2019.
- De Certeau, M. (1984 [1980]). *The Practice of Everyday Life*. Trad. Steven Rendall. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press.
- Folheando com... Gonçalo M. Tavares. *Portal da Literatura*. Retirado de <https://www.portaldaliteratura.com/entrevistas.php?id=8>. Acesso em 20 set. 2019.
- Gonçalves, A. C. (1988). Os bairros urbanos como lugares de práticas sociais. *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, 1(4), pp. 15-32.
- Ingarden, R. (1973 [1926]). *A obra de arte literária*. Trad. Albin E. Beau, Maria da Conceição Puga e João F. Barrento. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Marien, M. (2002). Utopia Revisited: New Thinking on Social Betterment. *The Futurist* 36(2), pp. 37-43.
- Meneses, P. M. R. S. (2012). *A natureza não reza: sobre a tetralogia O Reino de Gonçalo M. Tavares* (Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho). Retirado de <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/24020>. Acesso em 21 set. 2019.
- Merleau-Ponty, M. (2001 [1945]). *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard.
- Mira, G. (2008). "Podia ser perigoso estar constantemente fechado num quarto": Entrevista a Gonçalo M. Tavares. *Orgia Literária*. Retirado de <https://orgialiteraria.wordpress.com/2008/01/30/podia-ser-perigoso-estar-constantemente-fechado-num-quarto-entrevista-a-goncalo-m-tavares/>. Acesso em 23 set. 2019.
- More, T. (1895 [1516]). *The Utopia*. London/New York: Oxford University Press / MacMillan. Retirado de <https://archive.org/details/utopiainlatinand00moreuoft/page/n5>. Acesso em 23 set. 2019.
- (2012 [1516]). *Utopia*. Trad. Dominic Baker-Smith. London: Penguin.
- Moreira, M. E. R. (2014). O Bairro de Gonçalo M. Tavares: máquina de criar vizinhanças. *Em Tese*, 20(3), pp. 80-90. Retirado de <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/emtese/article/view/6495/7083>. Acesso em 21 set. 2019.

- Neighborhoods. *Encyclopédia.com*. Retirado de <https://www.encyclopedia.com/medicine/divisions-diagnostics-and-procedures/medicine/neighborhoods#D>. Acesso em 22 set. 2019.
- Nunes, P. S. (2013). Gonçalo M. Tavares. *BOMB*. Retirado de <https://bombmagazine.org/articles/gon%C3%A7alo-m-tavares/>. Acesso em 25 set. 2019.
- Oliveira, R. Q. (2016). *Um olhar “perverso”: percorrendo O Reino, de Gonçalo M. Tavares* (Tese de Doutoramento, Universidade Federal do Rio de Janeiro). Retirado de <http://www.posvernaculas.letras.ufrj.br/images/Posvernaculas/4-doutorado/teses/2016/22-OliveiraRQ.pdf>. Acesso em 21 set. 2019.
- Reis, C. (1999). *O Conhecimento da Literatura: Introdução aos Estudos Literários*. Lisboa: Almedina.
- (2018). *Dicionário de Estudos Narrativos*. Lisboa: Almedina.
- Santos, B. S. (1995). *Toward a New Common Sense: Law, Science and Politics in the Paradigmatic Transition*. New York: Routledge.
- Santos^a, M. G. R. M. (2016). *Gonçalo M. Tavares: os pontos no mapa e a desrazão do mundo* (Tese de Doutoramento, Universidade de Évora). Retirado de <https://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/18419>. Acesso em 23 set. 2019.
- Tavares, G. M. (2002). *O Senhor Valéry e a Lógica*. Lisboa: Caminho.
- (2004). *O Senhor Brecht e o Sucesso*. Lisboa: Caminho.
- (2004^a). *1*. Lisboa: Relógio D'Água.
- (2005). *O Senhor Kraus e a Política*. Lisboa: Caminho.
- (2005^a). *O Senhor Calvino e o Passeio*. Lisboa: Caminho.
- (2008). *O Senhor Breton e a Entrevista*. Lisboa: Caminho.
- (2009). *O Senhor Swedenborg e as Investigações Geométricas*. Lisboa: Caminho.
- 2010 *O Senhor Eliot e as Conferências*. Lisboa: Caminho.
- (2010^a). *Matteo Perdeu o Emprego*. Porto: Porto Editora.
- (2013). *Atlas do Corpo e da Imaginação*. Lisboa: Caminho.
- (2014). *Uma menina está perdida no seu século à procura do pai*. Porto: Porto Editora.
- (2014^a). *Dicionário Ilustrado: Vizinhança*. *Notícias Magazine*. Retirado de <https://www.noticiasmagazine.pt/2014/dicionario-ilustrado-vizinhanca/>. Acesso em 22 set. 2019.
- (2014^b). *Dicionário Ilustrado: Máquina de fazer vizinhos*. *Notícias Magazine*. Retirado de <https://www.noticiasmagazine.pt/2014/dicionario-ilustrado-maquina-de-fazer-vizinhos/>. Acesso em 22 set. 2019.
- (2015). *O Torcicologologista, Excelência*. Lisboa: Caminho.
- Vieira, F. (2010). The concept of utopia. In G. Claeys (Ed.), *The Cambridge Companion to Utopian Literature*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 3-27.
- Vieira, P. e Marder, M. (Eds.), (2012). *Existential Utopia: New Perspectives on Utopian Thought*. New York: Continuum.
- Winkler, M., Herlth, J. Moser, C. et al (2018). *Barbarian: Explorations of a Western Concept in Theory, Literature and the Arts. Vol. I: From the Enlightenment to the Turn of the Twentieth Century*. Stuttgart: Metzler.